



---

## PAULO FREIRE E O ATO DE ENSINAR: UMA PERSPECTIVA DA AÇÃO DOCENTE VOLTADA À TRANSFORMAÇÃO INDIVIDUAL E SOCIAL

Sâmmya Adona<sup>1</sup>, Simone Alves Monteiro<sup>2</sup> and Clarice Gonçalves Rodrigues Alves<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Licenciada em Educação Física; Mestranda em Educação pela UERR/IFRR/UFRR.

<sup>2</sup> Mestranda em Educação pela UERR/IFRR/UFRR.

<sup>3</sup> Professora de História (IFRR); Mestranda em Educação pela UERR/IFRR/UFRR.

### RESUMO

Este artigo pretende, através de análise de tópicos presentes na obra Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire e de contribuições teóricas dos autores Jayme Paviani, Sonia Aparecida Ignácio e Hilton Japiassu visam ampliar a compreensão sobre o ato de ensinar, suas características e especificidades.

Ao se desenvolver um trabalho como este, busca-se a clareza, discernimento e conduta de ideias projetoras de uma educação de qualidade contrapondo a educação real existente nas escolas brasileiras.

**Palavras-chave:** Paulo Freire. Ensino. Docência.

### INTRODUÇÃO

Paulo Freire, patrono da educação brasileira é uma referência teórica para a Pedagogia em nível nacional e mundial. Neste trabalho, abordaremos a 25ª edição do livro Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa, cujas reflexões serão ampliadas com contribuições dos seguintes autores: Paviani, Ignácio e Japiassu.

A obra tem como enfoque o ensino, a formação de professores e prática educativa. Este dividida em três momentos: Não há docência sem discência; Ensinar não é transmitir conhecimento e Ensinar é uma especificidade humana. Ambas proporcionam reflexões sobre o ensino e seus tópicos revelam observações necessárias para a melhoria da prática docente.

### MATERIAIS E MÉTODOS

O primeiro tópico a ser abordado é “**ensinar exige rigorosidade metódica**”. Neste tema, Paulo Freire afirma que é indispensável ao professor o aprofundamento sobre o conteúdo, sobre a



metodologia e, sobretudo, sobre a abordagem que possui e que almeja, reiterando a necessidade de uma busca diária do aprimoramento técnico e prático dos educadores.

(...) E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certo saber e

---

que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos (FREIRE, 2000, p.13)

É evidente que se o professor não tem uma rigorosidade metódica, não ultrapassa os limites das contradições presentes na educação e a divergência entre o saber e o ensinar tornam-se um abismo ao invés de um elemento inerente ao próprio processo. Fato presenciado no contexto educacional, onde muitas instituições possuem no seu quadro funcional professores sem importarem-se com requisito didático. Como exemplo, podemos citar os cursos de Medicina e Direito, onde existe um índice maior de procura. Geralmente, os professores destes cursos são formados por médicos ou bacharéis em Direito, que possuem experiência profissional, possuem especializações, mestrados e até doutorados em suas áreas específicas, porém, com uma simples busca na Plataforma Lattes é possível verificar que a maioria destes docentes não possuem curso de didática ou docência no ensino superior.

No sentido pedagógico, o que eles fazem então? Reproduzem o que aprenderam com seus professores ou transmitem da forma que acham adequada, por meio de critérios subjetivos. Existem ainda professores que percebem a didática como um “dom” e aqueles que já se especializaram no assunto e não conseguem administrar e transmitir os conteúdos de forma sistematizada e adequada à capacidade cognitiva do estudante em formação. Ora, se a didática fosse apenas um mero requisito, nem precisaria existir cursos de licenciatura. Isso Paviani ilustra com maestria:

Em educação não basta fazer, é preciso conhecer o que se faz. Professor, no sentido pleno, é aquele que reflete sobre a própria experiência e tem consciência dos limites da ação pedagógica. Um carpinteiro ou eletricista, mesmo não sendo capaz de teorizar a prática, não prejudica seu desempenho profissional ao executar mecanicamente as tarefas que lhe são solicitadas. O professor, ao contrário, lida com pessoas, sempre numa relação entre sujeitos, necessita ter clareza sobre as possibilidades e fins do ato de ensinar (PAVIANI, 1988, p. 12).

Nesse sentido, o professor necessita de um arcabouço teórico para mediar o seu trabalho docente e desenvolve-lo de modo crítico e consciente, tendo em vista que este profissional é um formador de pessoas e não construtor de coisas. Pessoas, são indivíduos pensantes, que desejam mudar a si e a realidade onde vivem, e o professor com formação e compromisso e o desejo de mudança, pode contribuir efetivamente para a formação de sujeitos mais conscientes e consequentemente para uma sociedade melhor.

Segundo Freire (2002), “**ensinar exige estética e ética**”. Um professor não se torna um bom profissional do dia para a noite; não acorda resolvendo todos os problemas do ensino; é um processo gradual. A ética é, portanto, construída. É preciso encontrar o melhor caminho para o ensinar. Já a estética é algo que é possível ver como um “brilho nos olhos”; é o ato de transformar uma disciplina “pobre” em uma ciência com inúmeros recursos. A estética se faz, a ética se sente. Sobre este ponto, Paviani (2008, p. 23) afirma:

Não há educação sem formação. Não há ação pedagógica sem um agir formativo. Não se trata de mostrar a relevância de determinados valores, virtudes, etc. nem de descrever a natureza dos atos virtuosos, dos valores, das normas, mas de apontar como o agir do professor pensa e em que direção pensa, os valores ou por que certos atos são virtuosos e, ainda, necessários para o bem estar do indivíduo e da sociedade em que vive.

Na mesma linha de pensamento, Japiassu (1999, p.62) aponta que “é a ausência de todo tecido social, na representação escolar da ciência, que faz dela uma ideia pobre e morta”. Portanto, é imprescindível que docentes e discentes encontrem um sentido pessoal e coletivo para a educação. É preciso conectar ciência e cotidiano e compreender que “**ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica**” e que nos molda e transforma.

Pode-se distinguir graus, aspectos, enfoques, com o objetivo de analisá-lo e compreendê-lo melhor. O importante é saber que não somos totalmente livres para termos a educação que queremos, pois nosso querer, desde que nascemos, vem sendo educado por ideias e comportamentos que ultrapassam nossa consciência das coisas. (PAVIANI, 2005, p. 11).

Em outro trecho, Freire (2002, p. ver página) afirma que “**ensinar exige pesquisa, respeito aos saberes do educando e criticidade**”, declarando que “não haveria criatividade sem a

curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos”. Assim, é preciso inovar o jeito de ensinar a cada tempo, em cada sala, em cada olhar sobre a prática e sobre o sujeito; a inovação é primordial. Um educador crítico e promotor de mudanças precisa conhecer, pesquisar e atuar de forma, baseado em conteúdos e métodos e mediados por uma teoria, nesse caso, a histórico social, para que o educador compreenda e faça os entrelaces necessários entre realidade, conteúdo e forma. Sonia Aparecida Silva esclarece que:

Acreditando, portanto, na capacidade humana de operar transformações significativas em si próprio e no mundo circundante, perguntamo-nos se não poderá o processo educativo ser também "produtor" ou "encaminhador" de novas valorações e novos valores, além de mero "reprodutor" de valores vigentes, como muito frequentemente tem acontecido. E, nestes termos, não deverá o educador, através da práxis educativa, posicionar-se como "organizador" dessa nova situação? É preciso conhecer bem o que se quer transformar (SILVA, 1986. p. 14).

No tópico Paulo Freire dá ênfase também na **“corporeificação das palavras pelo exemplo”**, aponta que apenas acreditar, falar e não fazer, não colabora com a transformação da realidade. Se a concepção não está alinhada à ação e à formação, as palavras deixam de ser verdadeiras. “Faça o que digo e não o que eu faço” para o referido autor não tem sentido, são palavras mortas, vazias de sentido e significado para o outro que está na condição de aprendiz. Nesse sentido, pensar certo é também agir da maneira certa, senão, o educador ou a educadora corre o risco de entrar em contradição consigo mesmo e diante do outro. Para Freire (2002), “não é possível ao professor pensar que pensa certo, mas ao mesmo tempo perguntar ao aluno se “sabe com quem está falando”.

Aqui cabe o questionamento: será que existem muitos profissionais assim no contexto educativo? Infelizmente, sim! É aquele docente que está ali “por estar” e que “menino” deve saber o seu devido lugar. Pois, segundo sua percepção, os alunos são só alunos; quando crianças vão aprender no futuro para que serve determinado estudo e por isso não podem opinar no presente; quando adultos, continuam alunos por que precisam de um título para mostrar suas competências no mercado. Quando o docente desrespeita as capacidades dos estudantes, a educação perde seu foco, seu objetivo. Conforme Freire (2002, p.19):

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer com força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo.

Esboçando este fato, Paviani (2008, p.27) comenta:

Por isso, é necessário explicitar o conceito de ação como processo e não apenas como definição. A ação é mais do que um ato isolado, é um domínio, é um conjunto de elementos ou, melhor dito, é uma rede conceitual. Mas, antes de mostrar a complexidade do conceito, pode-se afirmar, em síntese, que toda ação (conduta, comportamento) tem duas bases nucleares, de um lado, os motivos (interesses, emoções, razões) e, de outro lado, as regras (sociais, morais, jurídicas). São os motivos e as regras que permitem tomar as decisões que dão origem às ações.

Refletir sobre isso é também evidenciar que **“ensinar exige respeito à autonomia do educando”**. Neste ponto, critica os professores arrogantes e afirma que um doutorando pode ser aluno de um professor especialista e, que mesmo assim pode ter respeito diante do profissional, por exemplo. Deve-se ter claro que se hoje alguém está na situação de professor, amanhã possa estar na situação de aluno.

Paviani (2005, p.12) revela que “professor, no sentido pleno, é aquele que reflete sobre sua própria experiência e tem consciência dos limites da ação pedagógica”. Logo, podemos evidenciar que **“ensinar exige disponibilidade para o diálogo”** e que **“ensinar exige querer bem aos educandos”**, ou seja, “a atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza” (FREIRE, 2002, p.).

**Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; exige reflexão crítica sobre a prática, o reconhecimento e a assunção da identidade cultural.** A abertura ao novo, às práticas inovadoras, à busca de alternativas ensino que qualifiquem o

trabalho pedagógico deveria ser uma postura algo inerente à profissão docente, mas que nem todos postulam

O professor está em constantes processos formativos, nunca está formação se dá por finalizada, ele vai compondo-se ao longo de sua carreira, durante as aulas, diante das inquietações dos alunos, no trabalho docente, no anseio por realizar práticas de ensino que sejam significativas e transformadoras. O ato de educar exige reflexão e escolhas, portanto, o educador deve ser crítico diante de sua trajetória profissional, política, cultural. Japiassu(1983, p.17) destaca:

[...] não creio que ninguém possa educar-se com ideias ensinadas. Se temos que ensinar algo a nossos alunos, que lhe ensinemos a pensar, que lhe ensinemos a aprender, a se construir e a se reconstruir, a fazerem perguntas e questionarem o já sabido. Porque constitui tarefa do educador provocar nos alunos desequilíbrios ou necessidades psicológicas, desejo de pesquisa, espírito de busca, sede de descoberta.

Neste pensamento, o autor expõe que nenhum humano é uma rocha sólida provedora de toda verdade absoluta, pois **“ensinar exige a consciência do inacabado”**. Da mesma maneira, **“ensinar exige o reconhecimento de ser condicionado”**. Faz-se necessário saber em que situação estamos enquanto sujeitos e profissionais; entender o ensino, o sistema educativo, as peculiaridades da profissão. Ao descobrir elementos da fala, linguagem, cultura, meio que nos caracterizam ou condicionam é o primeiro passo para compreensão do que somos e do que podemos ser.

O ato de ensinar requer trocas, ampliação de sentidos e mudanças, por isso, **“ensinar exige saber escutar”**. Em **“Ensinar não é transferir conhecimento”**, FREIRE (2002) coloca em destaque que **“ensinar exige bom senso”**.

De nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade mas impor ao educando a vontade arrogante do mestre”. (Paulo Freire, pag. 26)

O enfoque contribui para a valorização e respeito ao próximo. O bom senso nos remete à justiça e a razoabilidade. A lei pode ser tão subjetiva quanto o bom senso; sendo subjetiva, encara o indivíduo como propositor da ação. Vejamos o exemplo dos crimes de bagatela, que são aqueles de menor potencial ofensivo na sociedade. É certo impor a mesma pena para quem rouba um pão para dar de comer ao seu filho e para aqueles roubam o país? A lei afirma que furtar é crime, mas a pena é diferenciada para cada situação.

O bom senso, a ética, respeito à alteridade são fundamentais no processo de ensino. Da mesma forma, **“ensinar exige liberdade, autoridade e tomada consciente de decisões”**. Liberdade não significa falta de regras; autoridade tampouco é sinônimo de autoritarismo. Os professores marcam a vida dos alunos, seja de forma positiva ou negativa e suas ações são essenciais para o aprendizado científico e pessoal dos mesmos. Portanto, os pensamentos, posicionamentos e decisões educativas profundos. “ (...) se não percebemos as zonas de sombra que ofuscam o nosso sistema educacional atual, ele continuará provocando, na expressão de Castoriadis<sup>1</sup>, ‘uma desorientação informe das novas gerações’” (JAPIASSU, 1999, pág. 34).

Ensinar também **“exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores”**. Nesse ponto, Freire (2002) questiona “Como ser educador, sobretudo numa perspectiva progressista, sem aprender, com maior ou menos esforço, a conviver com os diferentes?”. Como seria se ao lecionar em todas as turmas uma única didática fosse empenhada? Certamente traria prejuízos ao processo em questão. As diferenças não podem ser vistas como elementos aleatórios; são fundamentais para compreensão do processo de ensino.

O autor defende que **“ensinar também exige apreensão da realidade, alegria e esperança e convicção de que a mudança é possível”**. Se não acreditarmos na educação como objeto e fonte de mudança, o que resta então? Se não acreditarmos no potencial de quem educamos, para que educar? Por isso, Freire (2002, p. 46) afirma que “ninguém pode estar no

---

<sup>1</sup>Cornelius Castoriadis (1922-1997) foi um filósofo, economista e psicanalista francês, defensor do conceito de autonomia política.

mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra”. É preciso demonstrar o que sabemos, é preciso fazer a diferença, é preciso ser a diferença. A intervenção no mundo começa relaciona-se com os saberes que provemos e com aqueles que vamos incorporando ao nosso cotidiano, pois ambos são objetos de nossa transformação.

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano”. (FREIRE, 2002, p.86).

A educação é fruto do diálogo aluno- professor, professor- aluno, e dos dois com o mundo em sua volta, portanto, **“ensinar exige curiosidade”**. É adequado afirmar que ensinar é uma qualidade da especificidade humana e por isso **“ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade”**. Segundo Freire (2002, p.23). “não há nada que mais inferiorize a tarefa formadora da autoridade do que a mesquinhez com que se comporte”. A arrogância de quem diz “já fiz muito por você” deve dar espaço à democracia de quem perguntar “o que posso fazer por você?”. Ensinar não é taxar os alunos de ignorantes. O educador deve saber que sua competência profissional não pode jamais desqualificar os estudantes em formação.

Freire aponta que **ensinar exige comprometimento**, e estar comprometido para o referido autor, implica assumir uma postura política diante dos alunos e da sociedade, de possibilitar o pensar crítico e político, de aproximar o que o educador diz ao que faz, de perceber as diversas nuances que ocorrem no cotidiano da sala de aula, ou seja, fazer uma leitura atenta do que acontece no meio onde atua, pois se relaciona com sujeitos históricos e sociais. Nessa direção o educador precisa ser honesto consigo, revelando primeiro a si o comprometimento com o processo educacional para que os outros possam também perceber uma figura ética, política, que analisa, que avalia, que compara, que opta por manter ideologias ou romper com elas.

Este deve fazer parte da ética e da moral pessoal e profissional (nesse ponto, as duas dimensões são indissociáveis); do respeito ao próximo e integrante de carreira docente. É no comprometimento que se desabrocha o entendimento pelas coisas, a reflexão sobre a ação e o engajamento. É e por meio dele que se relaciona o mundo e a vida escolar. Para Silva (2000, pág. 136), “(...) já está mais do que em tempo de nos preocuparmos com os valores e as valorações em nossa prática educativa”. Quem toma como partida o comprometimento admite que ensinar exige **“compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”**. Pois se não partimos do princípio de que a educação é mudança, é reflexão sobre a mudança, é ação na prática, não nos concretizamos como fidedignos educadores. Para isso, não é necessário seguir o bonde, é necessário fazer a diferença. Se entre trinta (30) alunos na sala, um se destacar, não precisamos oprimi-lo por ser diferente, precisamos entender o porquê para chegarmos ao objeto. É a sutileza entre o médico que passa o remédio pelos sintomas e o médico que passa o remédio pelos sintomas e o diálogo com o paciente.

“A professora democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade, a maneira consistente com que vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola, é apenas um momento, mas um momento importante que precisa de ser autenticamente vivido”. (Paulo Freire, pag. 43)

Silva (2000, p.119) evidencia também que o papel da escola nessa prerrogativa é essencial: Ou seja, a construção de valores parte, em primeira instância, da atividade pessoal, particular, dos indivíduos que valoram, ao atribuir significado a tudo o que os cerca, a todos os elementos que fazem parte do seu existir. No entanto, esse mesmo processo de construção de valores deve ser compreendido e assumido, por parte da escola, como uma tarefa progressista de “difusão de conteúdos vivos, concretos, indissociáveis das realidades sociais

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os elementos abordados da obra *Pedagogia da Autonomia* contribuem para explicitar questões comuns no contexto escolar a que incitam a uma crítica sobre a nossa prática educativa. Todos os tópicos do referido livro estão intimamente ligados. Para um bom apreciador da formação

docente é impossível chegar à última página do livro e não perceber o universo de interações que todos os capítulos estabelecem entre si.

A atitude do agente formador é um enfoque que deve ser destacado, pois comumente a autoridade é revestida em autoritarismo, é disposta como poder, num jogo entre quem manda e quem obedece. Neste ponto, Freire afirma que deve-se dar lugar ao diálogo, ao bom senso e a atitudes inovadoras. Acrescentamos ainda que ensinar exige *feeling*. Esse termo oriundo de língua estrangeira representa a sensação, percepção, intuição e bom senso que todo professor deveria ter quando entra na sala, que deve perpassar desde o “bom dia, boa tarde ou boa noite” do primeiro encontro até a conclusão das atividades. Inclusive, no primeiro diálogo do dia com a turma pode-se sentir-se o seu planejamento para aquele dia irá ou não ter fluidez, qualidade ou enfoque esperado. Diante disso, é preciso dinamismo, alteração, reorganização das ideias em uma gama de possibilidades que podem tornar o aprendizado mais significativo. O planejamento e estudo de fatores que contribuem para o processo de ensino-aprendizagem são indispensáveis para compreender a matéria-prima da educação: o ser humano.

## REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- JAPIASSU, Hilton. *O eclipse das ciências humanas e a crise da psicanálise*. São Paulo: Letras e Letras, 2005.
- JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- PAVIANI, Jayme. O agir formativo do professor. In: KUIAVA et al (Org.). *Filosofia, formação docente e cidadania*. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2008.
- PAVIANI, Jayme. *Problemas de filosofia da educação*. 7. ed. Caxias do Sul: Educs, 2005.
- PAVIANI, Jayme. *Problemas de filosofia da educação: o cultural, o político, o ético na escola; o pedagógico, o epistemológico no ensino*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- PAVIANI, Jayme. *Problemas de filosofia da educação*. 3. Ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1986.
- SILVA, Sonia Aparecida Ignácio. *Ouvir e contar a História: memórias da Escola Pública Paulista (1930 – 1950)*. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2003
- SILVA, Sonia Aparecida Ignácio. *Valores em educação: o problema da compreensão e da operacionalização dos valores na prática educativa*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SILVA, Sônia Aparecida Ignácio. *Valores em Educação*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SILVA, Sônia Aparecida Ignácio. *Valores em educação*. 2.ed. Petrópolis Vozes, 1988.
- SILVA, Sônia Aparecida Ignacio. *Valores em educação: o problema da compreensão e da operacionalização dos valores na prática educativa*. Editora Vozes, Rio de Janeiro, Brasil, 1986.